

condições extrínsecas para a sua germinação a época oportuna.

Disse-nos o Divino Mestre: "Não lanceis pérolas aos porcos". O que se aplica bem a essas ocasiões.

O nosso conhecimento de causa e a nossa segurança interior naquilo que aceitamos não apenas em termos de cultura, mas que vivemos no íntimo, reflete-se do coração em ondas magnéticas que se fazem sentir pelos que nos cercam, sem haver mesmo a necessidade do muito falar para convencer.

Devemos evitar as discussões calorosas, não desperdiçando, no entanto, as oportunidades de colaborar esclarecendo, quando possível, sem esquecer que na administração dos bens do Senhor, as atitudes severas muitas vezes substituem as boas palavras.

2.6 Nas Oportunidades de Servir

Fiquemos atentos às oportunidades em que possamos singelamente servir com Jesus. Essa preocupação reflete exatamente a exteriorização do nosso coração, dos bens que, pulsando dentro de nós, pelo amor que devotamos ao nosso Divino Pastor, começa a irradiar de dentro para fora, na direção dos nossos semelhantes.

As ocasiões, na vida comum, em que possamos exercitar a nossa capacidade de servir, são realmente inumeráveis. O servir pode manifestar-se desde um olhar compreensivo àquele que passa por uma aflição, à palavra de ânimo no momento exato, no gesto afável de sustentação para o caído no desfalecimento moral, ou no amparo material aos que sofrem privações.

O serviço cristão como anônimo impulso de amor, leva ao necessi-

tado o fortalecimento na fé perdida, renova-lhe as forças para a retomada da caminhada momentaneamente interrompida.

São os cirineus que, testemunhando a misericórdia do Pai, transmitem a certeza da sua bondade, no amparo dos Seus Filhos.

Ao que serve, registram-se espiritualmente os créditos necessários no balanceamento das dívidas acumuladas. São oportunidades de resgate, de atenuação das penas, de proporções ignoradas.

Redobremos a nossa vigilância também nas oportunidades de dar de nós mesmos em favor dos que nos interceptam a caminhada, estendendo as mãos. E ao servirmos, glorifiquemos sempre Àquele que tudo tem feito por nós, relembando a legenda da iniciação evangélica "Servir a Jesus, servindo ao próximo".

58.

OS RECURSOS DO CRISTÃO

1. INTRODUÇÃO

A Escola de Aprendizes do Evangelho, em seu programa basilar, nas diversas etapas de formação, resume um processo de preparação de verdadeiros cristãos, nos dias de hoje. É sem dúvida, uma retomada da atmosfera em que viviam os seguidores do Meigo Rabi de Nazaré, nos primeiros tempos.

Naturalmente que as circunstâncias, os costumes, as pressões externas do jugo romano e da organização sacerdotal judaica naquela época, são completamente distintas das que hoje vivemos, tanto na sua amplitude como na intensidade em que se apresentavam.

No entanto, interiormente, as vivências do Espírito, nas suas transformações crescentes, as lutas que

dentro de nós mesmos se exercem, nessa disposição idealista de identificarmos com o Evangelho de Jesus, os sentimentos manifestados em nós, esses são os mesmos de todos, que por eles passam na caminhada evolutiva.

No início as dificuldades são grandes, porque preponderam em nós os hábitos mundanos, o envolvimento das atrações do meio, e hoje são elas muito maiores das que há dois mil anos existiam entre o povo hebreu.

Os padrões sociais eram muito mais rígidos, a conduta religiosa prescrevia obrigações severas, bem mais difíceis de seguir do que as de hoje nas religiões formais. A liberdade de costumes na vida moderna atual e ampla e difundida no mundo inteiro exercendo, portanto, uma enorme

facilidade ao homem de entregar-se às atrações dos seus impulsos inferiores que, na contingência de encarnados, naturalmente sobre todos se exercem.

É hoje, a nosso ver, mais difícil a batalha íntima. À medida, porém, que a consciência profunda é desenvolvida em nós, pela perseverança no combate que vimos realizando com o apoio desta Escola de Aprendizes do Evangelho, lentamente vamos nos fortalecendo e percebendo que as influências do meio, nas mais variadas formas de tentações, vão perdendo terreno e assim já não nos envolvem como antes. A nossa consciência se capacita e nosso domínio se amplia, até chegarmos ao ponto de tornarmos-nos senhores de todos os nossos impulsos, mantendo-os sob nosso controle.



A situação daquele que já desperto para o ideal de seguir o Mestre da Galiléia, procura viver o Cristianismo em sua pureza, é de permanente combate, não só aos impulsos íntimos da condição humana em transição, tais como: orgulho, vaidade, egoísmo, agressividade, maledicência etc., como também contra as influências externas e ambientais, de toda espécie, que nos induzem a dar vazão aos impulsos animais que em nós ainda subsistem.

Além desses dois campos de influências: interior e exterior, levamos em conta as influências invisíveis, com as quais, pelas leis de atração, nos sintonizamos (em planos vibratórios mais denso) atraindo entidades de semelhante padrão que passam a ligarem-se a nós num processo de simbiose ou parasitismo. É uma outra modalidade de influência que age sorrateiramente nos nossos pontos fracos, precisamente quando, de boa vontade, nos dispomos a melhorar, ingressando numa Escola de Aprendizes do Evangelho. Sujeito a essas influências, o aprendiz, algumas vezes, poderá ceder e cair, mas mesmo tombando, a disposição é de constante luta, para obter imediato reerguimento, conhecendo assim cada vez melhor as suas debilidades e exercendo o esforço necessário para vencê-las, o que não é mesmo tão fácil. Na queda, o ânimo não pode ser vencido e o abatimento natural do cristão diante do erro deve ser superado pela convicção de que o esforço de reerguer-se é que nos robustece e, portanto, aumenta a nossa capacidade de resistir às tentações, exercitando-nos em perceber as suas inúmeras sutilezas e disfarces.

As tentações constituem testes de prova, fortalecendo o nosso Espírito no aprendizado e colaborando nas transformações daqueles Espíritos que se viciaram em usufruir dos nossos apegos à matéria.

De que meios ou recursos pode o cristão utilizar para defender-se daquelas influências?

Vejamos objetivamente quais são eles.

2. A CHAMA DO IDEAL

Nos deslizes e nas quedas em que incorremos nas experiências de nossa presente vida, de imediato, nessas ocasiões, somos atingidos pela refle-

xão dos níveis de nossa consciência e, não raro, sentimos os efeitos das depressões íntimas, sob forma de profundos abatimentos, desânimos, que nos fazem tão infelizes, mesmo porque verificamos que ainda tão fracos e incapazes nos achamos, ao ponto de estarmos sendo presas fáceis das tentações. Nessas quedas, abrimos as portas às entidades que compartilham conosco das sensações que também as atraem.

Tanto as vibrações negativas como o envolvimento espiritual de baixo teor nos desgastam, consumindo mesmo as energias físicas e, portanto, enfraquecendo a nossa resistência. Sentimo-nos cansados, arrasados, desfalecidos. Nesse estado d'alma, aqueles irmãos espirituais que atraímos e que usufruem das nossas inferioridades animais, ganham terreno e, sob forma hipnótica, procuram nos dissuadir dos propósitos evangélicos que queremos seguir e, daí, os pensamentos de abandonar o ideal cristão, de não mais frequentar a Escola de Aprendizes tomam forma, nos levando muitas vezes, a deixar tudo.

O pior é que ficamos convencidos de que essa é a melhor solução e que a decisão é acertada e de nossa própria vontade.

O ideal, a força sustentadora do nosso bom propósito de luta, é realmente o alimento que precisamos buscar, para manter em nosso Espírito acesa a Chama Divina que ilumina as trevas da ignorância e liberta os homens. Esse é o primeiro recurso do cristão, o alimento espiritual, a luz do ideal que mantém o ânimo e a coragem na batalha das nossas inferioridades.

As quedas poderão ocorrer, é uma condição do nosso estágio evolutivo, porém o bom ânimo não pode ser perdido, o esforço em sair do domínio das atrações do corpo, a disposição permanente de lutar para melhorar-se, isso não podemos deixar de sustentar, manter. Sem esse alimento nos faltarão as forças para o bom combate.

Mas como poderemos recorrer e alcançar as Fontes Alimentadoras da Chama deste ideal?

3. A PRECE

A prece é um dos meios para estabelecermos a sintonia com os Planos maiores que sustentam todo

o trabalho redentor dos homens em nosso Planeta.

Entrar em prece é conseguir um estado íntimo de aproximação vibratória com as ondas emitidas pelos Trabalhadores Espirituais que vêm transformando, ampliando, gradativamente o campo de irradiação no nosso Orbe.

É importante adquirirmos o conhecimento e a prática do mecanismo de como proceder para atingir aquele relacionamento com as Esferas-Espirituais, que conseguimos em estado íntimo de prece.

A prece é o meio de ligação da criatura com o Criador e o que realmente pode estabelecer esse elo é, sem dúvida, a sinceridade dos nossos propósitos, o reconhecimento do relativo grau evolutivo em que nos achamos e o grande desejo que alimentamos de atingir despreziosamente níveis mais altos. Na prece, nos despojamos de qualquer formalidade e nos apresentamos como realmente somos, de coração aberto, de espírito humilde, penitente, ao Pai que tudo vê e tudo sabe sobre as nossas necessidades. E, "não será pelo muito falar que seremos ouvidos", mas pelo que realmente consigamos emitir em teor vibratório espontâneo, sincero, profundo, do nosso íntimo.

Quando na solidão de um aposento, no silêncio do nosso Espírito, nos recolhemos para o momento de prece, de início serenamos a agitação que porventura esteja tumultuando os nossos pensamentos e, na tomada de controle do nosso eu, vamos nos dominando e descontraindo, serenando a mente, relaxando os músculos e, assim, passando a sentir mais profundamente a calma e a tranquilidade.

Desse modo, suavizamos as nossas vibrações, conseguindo entrar em faixas de ondas mais altas alcançando, assim, a sintonia com o nosso Protetor pessoal e, também, possibilitando a Ele, melhor se aproximar e nos envolver. Nessa atmosfera, prosseguimos nos elevando e buscando agora a ligação com os companheiros espirituais encarregados das tarefas de segurança e de proteção, aos quais recorreremos e, depois, buscando Aqueles com quem mais nos afinizamos. Prosseguindo assim, vamos então emitir a Prece

das Fraternidades, a qual sempre fortalece ainda mais o estado de sublimidade d'alma que atingimos. Daí, então ligamo-nos com Ismael, em seguida com o coração amoroso de Maria, e finalmente chegamos a Jesus, a quem rogamos que nos leve ao Pai, onde nos alimentamos das energias que carecemos para prosseguir na luta, fazendo os nossos apelos, vibrando igualmente por todos os que se achem nas mesmas condições e completando as vibrações, dentro do roteiro conhecido. Fazemos o nosso agradecimento e terminamos suavemente guardando com carinho as energias recebidas.

Com a prece, abastecemos o nosso Espírito e restabelecemos o nosso ânimo no ideal abraçado. Retomamos a caminhada e prosseguimos no trabalho que certamente apresentará muitas outras oportunidades de luta pela frente.

4. O AUTOPASSE

O autopasse é um dos recursos efetivos, de resultado imediato nos dias atuais, como meio de autodefesa, às investidas vibratórias pesadas, às quais estamos sujeitos ao ingressarmos nos mais diferentes ambientes que encontramos em tão grande número. Os fluidos densos e viscosos podem momentaneamente impregnar-nos, causando mal estar, dor de cabeça, peso, abatimento, cansaço e outros variados sintomas, bloqueando o fluir das energias espirituais e cósmicas através dos nossos centros de força.

Nessas ocorrências, podemos utilizar com bons resultados o processo de auto passe, o qual, nos casos de emergência, aplicamo-nos a qualquer hora e lugar, se preciso for.

Os detalhes de como efetuar o auto-passe são indicados no Livro *Passes e Radiações*, de Edgard Armond, Editora Aliança.

Quando aplicado o auto-passe em nossa residência, devemos escolher local reservado, limpo e silencioso, até mesmo à hora do banho. A água, sabemos, possui condições magnéticas de limpeza, atuando nas impregnações de fluidos pesados, dissociando-os e eliminando-os do nosso perispírito. Desse modo, o auto passe, é coadjuvado pelo próprio banho higienizador.

5. AS LEITURAS EVANGÉLICAS

Uma outra conduta, para mantermos a chama do ideal acesa em nós, é a leitura diária de uma página evangélica, dos livros apropriados com que, em grande número, a Doutrina Espírita conta em nosso país.

A leitura, no entanto, deve ser realizada com o coração aberto, vibrando no desejo de assimilar os conhecimentos. É mais uma ocasião em que a sinceridade dos nossos propósitos deve estar presente, impulsionando a nossa vontade de modo firme.

Ao ler, estabelecemos sintonia com o pensamento do autor, e as imagens que as palavras escritas nos transmitem, desencadeiam em nossa mente ondas renovadoras, semelhantes à indução eletromagnética, sensibilizando o nosso Espírito, emocionando o coração e nos dispondo ao trabalho com ânimo novo. Desse modo, a leitura evangélica deve, de preferência, ser feita em ambiente calmo e silencioso. Ao abrir o livro, muitas vezes ao

acaso, mentalizamos o nosso Amigo Protetor, e solicitamos, nessa oportunidade, o esclarecimento para o momento, algumas vezes difícil, que estejamos vivendo. E, quase sempre, a página aberta é aquela mais adequada ao nosso estado d'alma e a lição penetra como um bálsamo suavizante, acendendo a chama do ideal, conduzindo-nos à retomada do caminho a percorrer.

Nesse estado de elevação, analisemo-nos tão profundamente quanto possível, para encontrar os pontos de nossa conduta a serem corrigidos à luz do Evangelho. E nessas ocasiões, emitimos ondas vibratórias que alcançam os mais altos planos que a nossa condição evolutiva nos permite atingir, recolhendo as energias sustentadoras do nosso Espírito, robustecendo-o na luta, melhorando o nosso acesso à escalada de volta ao Pai Criador.

Em ocasiões como essas, o nosso Espírito, num impulso sutil, vai lentamente desabrochando para as vivências mais sublimes, libertando-



se, portanto, das amarras da inferioridade.

Entre os recursos que têm sido proporcionados aos cristãos, no meio espírita, os numerosos livros e mensagens dos Espíritos constituem-se num verdadeiro arsenal de munição para o bom combate. E, ao lembrar as palavras do Mestre Amado: "muito será pedido a quem muito foi dado", sentimos de forma bem clara a enorme responsabilidade que pesa sobre os nossos ombros.

6. AS OPORTUNIDADES DE TRABALHO AO PRÓXIMO

O serviço cristão nas tarefas de assistência ao próximo é um dos recursos que proporciona sustentação a todo aquele que se dedica desinteressadamente ao trabalho do Cristo.

Quando, espontaneamente, dentro de nós, sentimos que não nos conformamos em permanecer acomodados na iniquidade e desejamos intensamente participar da tarefa que o meigo peregrino exemplificou, estamos respondendo aos apelos íntimos do nosso próprio Espírito, que começa a despertar para os propósitos mais altos. É a necessidade que, de modo natural, cada um vai sentindo, de pôr em prática a caridade ensinada.

O ato caridoso em si, deve revestir-se da emanção de amor que pulsa no coração do servidor; do contrário, muito pouco, ou quase nada, estaremos realizando efetivamente. Essas irradiações sutis que emitimos têm o poder de envolver e despertar as criaturas assistidas para a conscientização de que a dor é o corretivo do Espírito. E logo, completamos o trabalho mostrando o caminho: O Evangelho de Jesus. Assim é a orientação do trabalho: evangelizar, evangelizar, evangelizar.

Aquele que dá, nesse padrão de amor, emite energias e estabelece intercâmbio vibratório com as Entidades que assistem a essas atividades cristãs, alimentando-se, igualmente, de novas energias e capitalizando o seu trabalho em méritos, de estimado valor, na sustentação e na proteção ao esforço de melhorar-se.

As oportunidades de trabalho ao próximo são recursos oferecidos aos Cristãos, ajudando de modo palpável, como apoio de que todos carecem para

o sucesso desejado nas conquistas espirituais.

7. O EVANGELHO NO LAR

O convívio no seio familiar é oportunidade de reencontro e acertos do passado. Em nosso ambiente doméstico também permanecem conosco aqueles Espíritos que, ainda condicionados às esferas astrais a eles afins, e ligados a nós por compromissos de outras existências, vêm cobrar as dívidas que contraímos quando juntos estivemos. São os deslizes no campo do sentimento ou dos interesses materiais que somos chamados a quitar.

Aqueles amigos de outrora, no entanto, inconformados com as novas disposições no bem que desejamos construir, servindo-se de todos os meios ao seu alcance, procuram nos induzir a permanecer no estado ocioso do pretérito. Contra isso devemos lutar, como já vimos, contra um contingente de influências, nas mais variadas formas de tentações, das quais devemos nos libertar para progredir.

O Evangelho lido e comentado no aconchego do lar é um valioso recurso de esclarecimento para todos com os quais convivemos, tanto no círculo dos encarnados, como para o grupo dos desencarnados. Nessas oportunidades em que nos reunimos, os Amigos Espirituais que nos ajudam no bem, têm melhor acesso a todos, visíveis e invisíveis, e trabalham intensamente procurando tocar a sensibilidade e demovê-los dos propósitos vingativos ou dos rancores permanentes.

O trabalho de Evangelho no lar é sempre aconselhado mesmo que se restrinja a uma única pessoa, pois as palavras de verdade ensinadas por Jesus, quando articuladas, fazem ressoar as vibrações transformadoras que progressivamente vão atingindo maiores níveis de acumulação, repercutindo os seus efeitos edificantes sobre todos debaixo do mesmo teto.

A utilização desse recurso, colocados à disposição dos cristãos das últimas horas, é trabalho prioritário a realizar, entre as quatro paredes que hoje aproximam os endividados de ontem.

8. AS ESCOLAS DE APRENDIZES DO EVANGELHO

As Escolas são um dos recursos oferecidos não só como programa de

evangelização, mas também como meio de apoio espiritual aos seus frequentadores. Os encontros semanais com os companheiros de ideal e o envolvimento dos Amigos Protetores, nos alimentam e renovam os nossos propósitos mais elevados.

Todos os que participam das Escolas proclamam a sustentação que recebem naqueles dias, de tão alto valor para os esforços que desenvolvemos no bem. Por isso mesmo, é que se recomenda a pontualidade e a assiduidade.

Visa-se o melhor benefício transmitido aos aprendizes e aos servidores, além de, ao incentivo de não faltar às aulas, dar-lhes condições de vencer o comodismo e as inclinações induzidas pelo plano espiritual inferior, nas tentativas de enfraquecer seu ideal cristão.

Nas efervescências dos sentimentos que dominam as criaturas no mundo atual, inclinando-as muito mais às sensações fáceis e aos prazeres livres, o ambiente das Escolas é um verdadeiro oásis ao viajor sedento, ao peregrino que vem buscando o alimento para o seu Espírito já sensível e desperto para as luzes espirituais.

9. AS VIBRAÇÕES COLETIVAS DAS 22 HORAS

Quando nos ligamos todos, às 22:00 horas, nas Vibrações Coletivas para o **Bem Universal**, estabelecemos a nossa sintonia com a Cúpula Protetora dos elevados ideais, cujos Espíritos intensamente trabalham no nosso Orbe, na implantação do Evangelho de Jesus. E, com o Espírito do nosso amável benfeitor Bezerra de Menezes, levamos as nossas vibrações à **Casa de Bezerra**, instituição do Plano Espiritual que assiste a incontáveis Espíritos que necessitam de auxílio e encaminhamento espiritual.

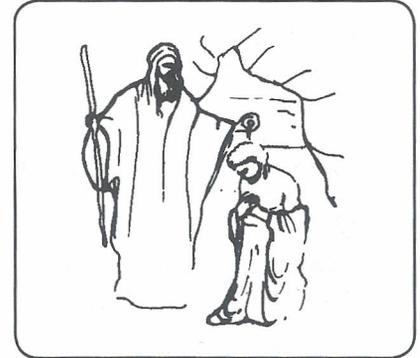
Nesse trabalho diário, quando nos recolhemos alguns minutos antes das 22:00 horas, mantemos inicialmente a nossa ligação vibratória com os companheiros e dirigentes encarnados da **ALIANÇA ESPÍRITA EVANGÉLICA** e dos seus Grupos Integrados. Estabelecemos, assim,

o intercâmbio de energias sustentadoras que nos alimentam na tarefa que abraçamos. Depois, naquela projeção dirigida à Casa de Bezerra, pedimos, no final, a permissão para

que também possamos receber uma parcela daquelas vibrações, tão necessárias à firmeza e à continuidade do trabalho que estamos realizando em nossos dias.

Vamos, assim, também com esse recurso, nos apoiando e nos sustentando mutuamente, para o nosso trabalho comum de serviço ao próximo, servindo assim a Jesus.

59. INICIAÇÃO ESPÍRITUAL



1. INICIAÇÃO ESOTÉRICA

No mundo ocidental a iniciação espiritual, em qualquer das suas filiações, acompanhou o regime adotado pelos egípcios e pelos hindus, conquanto apresente um maior desenvolvimento no campo intelectual; esse regime é o de autorrealização, de sacrifícios e de renúncias sobre si mesmo e sobre o mundo material, visando adquirir poder e conhecimento, alvo este que não é o do Espiritismo.

Há nessas duas iniciações primitivas, vários graus de aprendizado; citaremos aqui a classificação e os graus de iniciação hindu que, justamente, é a que está mais aproximada das práticas ocidentais.

Há 5 graus de iniciação e esta começa no de **discípulo**.

Os discípulos se grupam em duas categorias que são: a dos **discípulos aceitos** e a dos **probatórios**.

Os **“chelas” aceitos** são aqueles que, possuindo as qualidades necessárias, foram incluídos no grupo de **discípulos** que seguem a orientação de um determinado **“guru”** ou mestre, passando a fazer parte do seu **“ashram”**, que é o mesmo que escola, comunidade, família.

Os **“chelas” probatórios** são aqueles que simplesmente estão na fase preparatória, como aspirante ao discipulado, passando pelas provas e experiências necessárias.

Quando é admitido nesta classe, o candidato inicia o esforço programado e, por si mesmo, desiste se perceber que não está à altura do cometimento.

Na Iniciação Espírita não há esse rigor eliminatório porque a tolerância intervém em grande parte, permitindo sempre novas tentativas, mesmo porque, nesta altura, não se trata de formar indivíduos psicologicamente poderosos mas, simplesmente, espiritualizados, evangelizados.

Na Índia, sem mente sã, corpo são, alta moralidade e costumes disciplinados, nenhum **“chela”** vai para diante. Por isso, o número de **discípulos aceitos** é sempre reduzido e, conseqüentemente, tornam-se cada vez mais raros aqueles que atingem os graus superiores.

No Espiritismo os candidatos são aceitos com mais liberalidade e tolerância, não se exigindo, por exemplo, a saúde perfeita porque se sabe que os discípulos não vão ser submetidos a provas físicas violentas, próprias dos métodos desaconselháveis que levam à escravização do corpo físico, como se verifica, por exemplo, na loga e no Faquirismo.

A base do processo iniciático hindu, como era o egípcio, é sempre o desenvolvimento de faculdades mediúnicas, submetendo-se os aspirantes a práticas de disciplinamento e desenvolvimento mental, com escala

pelo que conhecemos com os nomes de atenção, concentração, meditação, contemplação, êxtase ou samadhi.

A regra geral é que o mestre indica o caminho, mas não revela segredos ou fórmulas maravilhosas ou espetaculares; os **“chelas”** é que devem descobrir meios, aplicá-los, desenvolvê-los e conquistar os conhecimentos por si mesmos.

Por isso, entre eles logo se define uma hierarquia natural, uns se adiantando, outros se atrasando; uns assimilando mais que outros e atingindo graus mais elevados em tempo mais curto.



Para o hindu o **discípulo do 1º Grau** é chamado **“O homem errante”**; uma vez entrado no caminho da iniciação ele não possui mais casa porque não deve mais considerar a Terra como sua habitação permanente. Para o budista é **“O homem que entrou na corrente”**.

No **2º Grau** o discípulo é chamado **“Kentichaka”**, isto é, **o que constrói sua cabana**, o que edifica seu ambiente de paz. Para o budista é o **“Sakadagamin”**, isto é, aquele que renascerá somente uma vez.

Nesse grau, o discípulo já foi instruído sobre os mistérios da Natureza, das religiões e das ciências e passou por aprendizados sucessivos.

Para atingir este grau, tem que demonstrar ter conquistado as quatro seguintes virtudes ou perfeições:

- 1 — **Conhecimento da verdade:** fora da verdade tudo é transitório, irreal; é Maya — a ilusão;
- 2 — **Impassibilidade:** indiferença em relação aos frutos das ações, sem abandono, entretanto, dos deveres sociais. Superação dos impulsos.
- 3 — **Posse dos seis seguintes predicados:**
 - Sama** - Domínio dos desejos e emoções;
 - Dama** - Disciplina do corpo;
 - Uparati** - Renúncia a interesses domésticos e familiares sem contudo abandono de deveres no lar; renúncia a seitas religiosas;
 - Titiksha** - Abnegação. Domínio do egoísmo, do personalismo e desprendimento dos bens do mundo;
 - Samadhana** - Constância no sentido de satisfazer o mundo nas suas exigências e voltar à vida interna sistematicamente;
 - Sradha** - Confiança no mestre e em si mesmo, sem fanatismo, mas racionalmente, buscando sempre comprovação dos fatos, fenômenos e progressos alcançados.
- 4 — **Anelo pela vida espiritual superior:** isto é, desejo de integrar-se na vida maior do Cosmo, alargando seus horizontes face ao conhecimento da unidade em Deus.

Estas quatro perfeições devem ser conquistadas pelo discípulo com esforço próprio, fazendo face aos entaves que vêm do carma individual, resgatando a este e libertando-se.



Os pertencentes a este grau filiam-se a quatro grandes divisões e passam a pertencer à **Fraternidade Oculta Universal**.



Na iniciação do **3º Grau** seus membros são conhecidos simbolicamente como — **Cisnes** — o pássaro da vida, que toma seu voo no espaço; são também — **O Stamsa** — “aqueles que concebem a unidade”; para os

budistas são chamados Anagamin, isto é, aqueles que não mais renascem.

No **4º Grau** o discípulo, para o hindu, é o **Santo** “aquele que já está além do Eu”; move-se nos três mundos (físico, astral e mental) e os esplendores do mundo material não mais o seduzem. Para o budista é o Arhat, o Venerável.

Finalmente, no **5º Grau**, o discípulo é o **Jivamukta** — o ser de vida livre — e para os budistas é o Aseka, isto é, o que não tem mais nada a aprender: entra no **Nirvana** como Espírito livre. Ali terminam as ascensões humanas dos mundos inferiores; acima dele se estendem as coortes de seres poderosos que não são mais humanos.

Estes últimos estão grupados em cinco comunidades, havendo três centros de adeptado, isto é, de formação de adeptos, no Tibet, em Gobi e no Himavat.

Os adeptos estão espalhados por todo o mundo, vivendo isolados ou dirigindo fraternidades iniciáticas de diferentes aspectos ou filiações religiosas.

2. INICIAÇÃO ESPÍRITA

O Espiritismo não adota nenhum destes títulos, nem essa rigorosa hierarquia de iniciação, como também não adota o regime de segredo, invariavelmente utilizado por todas essas fraternidades.

Tendo em vista os imperativos evangélicos que caracterizam suas atividades religiosas e julgando necessária a iniciação, para se dar cunho mais rigoroso, metódico e idealista ao esforço de espiritualização individual e coletiva, foi criado na FEESP um sistema de iniciação em três graus, a saber: aprendizes, servidores e discípulos.

Aprendiz é o que se inicia no 1º grau, fazendo as primeiras tentativas de busca do caminho; **servidor** é aquele que está construindo sua morada nos planos de Luz, servindo ao **próximo** com sentimento de perfeita caridade; e **discípulo**, aquele que assumiu compromissos de realizar na Terra os testemunhos necessários à confirmação dos ensinamentos do Divino Mestre; **aquele que tendo compreendido o Evangelho, dispõe-se a viver segundo os seus ensinamentos, superando as tentações, conveniências e comodidades do mundo.**

Os dois primeiros graus são realizados na Escola de Aprendizes do Evangelho e o último na **Fraternidade dos Discípulos de Jesus**, em que todos os discípulos devem se esforçar para viver dessa forma, exemplificando o Evangelho e executando o mais que lhes for possível, a vontade do Cristo planetário.

Na Escola de Aprendizes foi feita a preparação de corpo e espírito nos dois graus inferiores; as mentes foram esclarecidas e regras foram dadas para a purificação do corpo, disciplinamento de hábitos e costumes, combate aos vícios e defeitos morais. Entretanto, como a maioria ainda não atingiu um ponto satisfatório de elevação, todos os que aqui se encontram, são aspirantes ao discipulado, semelhante a discípulos probatórios.

No desenvolvimento da iniciação, neste grau os discípulos irão recebendo instruções a respeito das práticas necessárias ao aprimoramento espiritual e, ao mesmo tempo, alargando os horizontes dos seus conhecimentos intelectuais.

Em todos os casos, como preparação à **iniciação** mais avançada, é indispensável seguir as regras seguintes destinadas à purificação do corpo e espírito. Essas regras vêm da necessidade do discípulo se aparelhar, tanto no campo íntimo e individual como no exterior e coletivo, para o exercício de uma conduta reta e perfeita.



Há um axioma iniciático que diz: **o mestre não faz o discípulo; este é que se faz a si mesmo.** O budista diz: **o mestre somente aponta o caminho.** No Espiritismo isto pode ser configurado nas frases: **“A cada um será dado segundo as suas obras”.** **“Muitos serão os chamados, poucos os escolhidos”.**

Quando o Espírito encarna com tarefas a desenvolver no campo espiritual, quando já evoluiu em encarnações anteriores, ou, finalmente, quando é um dos “escolhidos”, ele abre caminho por si mesmo, com segurança e decisão e atinge os graus iniciáticos, quer dizer: absorve conhecimentos cada vez mais amplos, com relativa facilidade porque, segundo outro axioma, “o adepto já nasceu adepto”, isto é, já traz em si mesmo as qualidades morais

e os requisitos necessários àquelas realizações.

Isto, porém, não quer dizer que outros deixem também de obter êxito, considerando que tudo depende do esforço de cada um e da sinceridade que revelarem na realização desse esforço.



Os mandamentos religiosos da Iniciação Espírita são aqueles que o Evangelho aponta como essenciais, **amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.**

O amor a Deus implica em subordinação e humildade à sua vontade soberana e justa; e o amor ao próximo significa servidão e caridade, porque todos sabemos que sem caridade não há salvação.

A diferença fundamental entre as duas iniciações, a esotérica e a espírita, está em que a primeira mantém o discípulo nos limites de sua própria individualidade, que é prevalecente (EU SOU) enquanto que no Espiritismo, pelo esclarecimento, arranca-se o discípulo do seu reino íntimo, egocêntrico e egoístico e se o projeta no campo da vida exterior, onde deverá viver sacrificando-se, se preciso for, beneficiando seus semelhantes, porque o ensino recebido pelo iniciado espírita é o último que o Cristo planetário revelou, o mais avançado e o que coloca a lei do amor em seu verdadeiro pedestal de superioridade sobre todas as demais.

As virtudes do Evangelho e sua realização na vida comum é o que visa a Iniciação Espírita e, também como na esotérica, aqui o esforço pertence exclusivamente ao discípulo.

Porque como muito bem disse o iluminado Platão: **a virtude não tem mestre.**

3. REGRAS DE PURIFICAÇÃO

Por vários caminhos se pode atingir a renovação pelo Evangelho, isto é, a espiritualização individual.

Cada corrente de pensamento doutrinário ou iniciático trata do assunto, sugerindo processos, invariavelmente complicados, mas dados, sempre, como infalíveis conquanto sejam, todos eles, na realidade, simplesmente aleatórios; somente a vida, em si mesma, com suas provas e sofrimentos de toda sorte vai, aos

poucos, com o perpassar do tempo, desbastando o matagal dos defeitos e das paixões, cortando arestas, polindo, burilando a estátua humana até que o Espírito surja, afinal renovado e puro, ante os olhos compassivos e amorosos do Criador divino.

Porém, do ponto de vista de realizações possíveis, exceção feita da parte intelectual, que é sempre simplesmente correlativa, o processo mais viável e seguro de se atingir esse alto escopo é, ainda e sempre, aquele que o Evangelho aponta, a **renovação dos sentimentos para se obter, como consequência, a purificação de pensamentos e atos; a conquista de virtudes morais que faltam a todos os seres humanos nos graus inferiores da evolução quando, ainda, os fatores e arrastamentos provenientes do reino animal dominam a criatura; e, por último a busca do Reino de Deus, pelo uso e pela exemplificação dessas virtudes no campo da vida social.**

A renovação de sentimentos é problema árduo e exige, para sua consecução, o estabelecimento de regras de conduta, o emprego constante da vontade e o auxílio das entidades espirituais protetoras, que jamais abandonam o caminheiro na sua jornada de sacrifícios e de provas.

Como, por outro lado, não pode haver pureza espiritual em corpo poluído, é necessário, antes de mais nada, combater os vícios comuns, como sejam o fumo, o álcool, a glotonaria; depois, as paixões mais generalizadas como a sensualidade, a avareza, a brutalidade etc. e os defeitos morais tão comuns como o orgulho, o egoísmo, a hipocrisia, a maledicência etc., travando contra ela luta tenaz e porfiada, noite e dia, orando e vigiando, como recomenda o Divino Mestre em seus ensinamentos.

Tudo isto retarda a ascensão do Espírito e o mantém acorrentado a si mesmo na sua baixa expressão de animalidade.

Se o orgulho, por exemplo, promove a separação entre os homens, os vícios os rebaixam, a sensualidade os prendem fortemente ao mundo material e grosseiro; por isso, nenhum processo espiritual é possível enquanto tais defeitos, vícios e paixões dominarem os homens ou enquanto estes não se dispuserem à luta pela sua libertação.

Para se obter a pureza do corpo físico, é necessário, antes de mais nada, combater os vícios referidos e eliminar todo e qualquer outro mau costume que se possua, mantendo o corpo em perfeitas ou, no mínimo, em regulares condições de higiene, harmonia e força, para o desempenho normal das funções orgânicas; reduzir a alimentação — que deve ser frugal e simples, porém completa — contendo todos os alimentos básicos que a ciência já classificou.

Iniciada esta luta contra os vícios e as impurezas, no grau ou com a intensidade que for possível, estará o adepto ingressando firmemente no caminho da purificação de corpo e espírito; a partir daí basta que persevere firmemente, sem se preocupar com o tempo transcorrido mas, unicamente, com a certeza de que não voltará atrás.

Dado este primeiro passo deve, em seguida, iniciar a luta contra as paixões animais, se esforçando por dominá-las ou, no mínimo, restringi-las o mais possível.

Por último, iniciará a luta contra os defeitos morais já citados, tentando **praticar as virtudes opostas**, que são aquelas que necessita conquistar, **começando sempre pelos defeitos mais acessíveis**, menos difíceis de serem extirpados ou melhor, pela prática das virtudes de mais fácil realização.

Assim, dominando os vícios, lutando contra as paixões e praticando as virtudes morais indispensáveis, amando a Deus e servindo ao próximo na medida do possível, tudo isto de acordo com um programa de ação pessoal previamente organizado e, sempre que possível, sob a orientação de instrutores competentes, encarnados ou desencarnados, estará o adepto firmemente lançado no caminho da renovação evangélica.

Desta forma e com segurança irá ele, aos poucos, alterando seus sentimentos e, em consequência, seus pensamentos e atos. Toda sua vida mudará e novos horizontes se abrirão à sua frente mostrando-lhe um futuro espiritual promissor.

Este grandioso esforço de auto-espiritualização, na realidade, se efetua em três setores de atividades distintos e complementares que são: **no íntimo, no ambiente familiar e na sociedade.**

Em todos eles o espírito deve dar testemunho dessa sua renovação moral, como membro que fica sendo da grande legião de operários humildes mas decididos e conscientes que, sob as ordens do Cristo planetário, trabalham denodadamente pela redenção do mundo.

Explicação do Esquema

O esforço de reforma íntima se exerce em dois setores distintos e complementares: o individual e o coletivo.

A iniciação individual compreende a purificação do corpo e espírito por processos e regras que são ensinadas aos Discípulos para a devida adoção.

A parte material visa a purificação do corpo físico.

A intelectual é feita por meio de estudos, meditações e exercícios que levam o Discípulo ao necessário conhecimento.

A moral — que é a principal — tem base no Evangelho e visa a eliminação dos vícios e dos defeitos comuns a todos os homens e mulheres bem como ao combate porfiado contra as paixões inferiores, de origem animal.

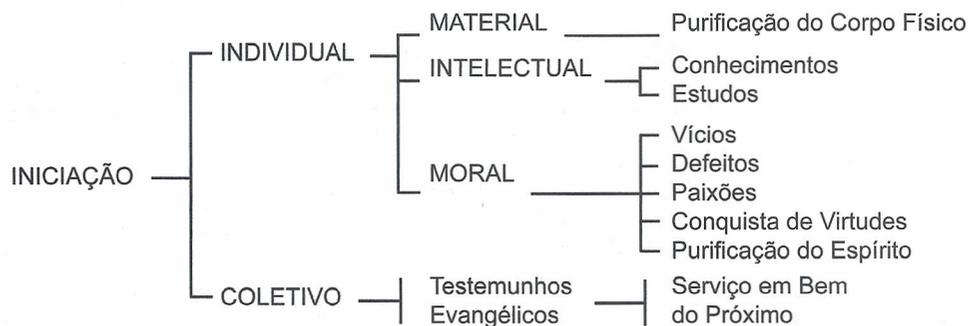
Esse esforço contínuo e rigoroso leva, ao fim de certo tempo, à conquista de virtudes e à purificação do Espírito,

com a mudança, para melhor, de sua vida moral.

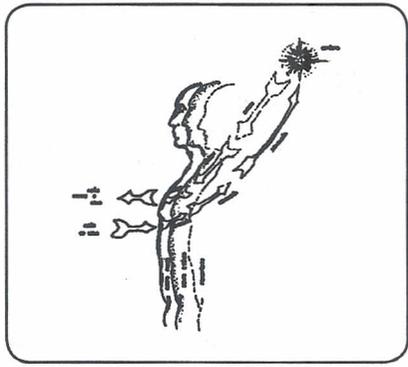
A iniciação no plano coletivo, desde o começo, exige a dura prova dos testemunhos evangélicos em todas as oportunidades e o devotamento, o mais completo possível, ao serviço em bem do próximo.

Essa Iniciação, feita com o devido rigor e desprendimento, leva o Discípulo à transformação total dos seus sentimentos, do que decorre, como consequência, a transformação de pensamentos e atos.

Damos abaixo o esquema da iniciação espírita aqui exposta:



60.
ESTUDO DO PERISPIRITO



1. ORTODOXIA

Antes de iniciar a exposição da matéria aqui programada convém dizer que os conhecimentos nela contidos não constam, em sua maior parte, da codificação clássica do Espiritismo porque esta, em muitos pontos, não é detalhada.

O Espiritismo, como foi codificado, não traduz todos os conhecimentos espirituais porque foram feitas pelo insigne Codificador determinadas perguntas (veja-se, por exemplo, o que consta de *O Livro dos Espíritos*) e não todas as perguntas necessárias, nem haveria tempo para isso, considerada a imensidade da obra que o eminente Codificador teve que realizar.

Ele mesmo disse, aliás, que o Espiritismo é doutrina evolucionista e que, por isso, incorporaria qualquer conhecimento novo ou estranho a ele, que, futuramente, surgisse, representando a Verdade.

Ora, se o Espiritismo é evolucionista, claro está que é **doutrina que não se fecha em si mesma** e pode ser ampliada ou restringida, sofrer influências em vários sentidos, conquanto deva conservar intactas as suas bases fundamentais.

Por outro lado, se é uma doutrina universalista, deve abranger tudo, isto é, todos os conhecimentos. Se abrange tudo não é, portanto, uma seita e, neste caso, não pode estar

resumida naquilo que foi dito antes, inapelavelmente.

Os ortodoxos, sob pretexto de se manterem fieis à doutrina, nada mais fazem que caminhar para o sectarismo. São os primeiros a dizer que o Espiritismo não tem dogmas e, no entanto, fazem dogma daquilo que foi dito à época da Codificação, não permitindo qualquer nova interpretação ou qualquer modificação do que ali está.

O que o Espiritismo ensina já existia antes em qualquer dos seus três distintos aspectos; e, principalmente na parte filosófica, outras doutrinas apresentam desenvolvimentos muito mais amplos.